

Os Pioneiros do Programa

Prof^a Maria do Carmo Correa Galvão (1925-...)

Gisela Pires do Rioⁱ

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Neste ano de 2022 comemoram-se os 50 anos do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ que nos convidam a marcar os momentos importantes dessa trajetória. Maria do Carmo Correa Galvão é presença necessária nessa memória. Mas, ao contrário do que pode parecer, não foi muito fácil atender ao pedido de Telma Mendes, que organiza a edição especial da *Espaço Aberto*, para escrever sobre a professora Maria do Carmo.

Em 2009, quando Maria Célia Nunes Coelho e eu publicamos o livro *Maria do Carmo Correa Galvão – Percursos Geográficos*, pela editora Lamparina, ressaltamos na apresentação o desafio que representava encontrar o tom para homenageá-la, pois a cultivada discricção consistia em traço marcante de sua personalidade. Naquele livro, selecionamos textos de sua autoria que consideramos serem representativos de sua produção, contribuíam para retratar sua visão geográfica e também para alimentar uma cultura geográfica daqueles que não a conheceram.

No momento em que escrevo, não disponho sob meus olhos da documentação que consultei durante o período de preparação daquele livro: manuscritos, correspondências, esboços, anotações... Não posso, portanto, fazer valer a consulta à documentação, ou a fragmentos de documentos para ampliar aquilo que foi escrito à época ou para ativar minha memória.

O que seria, então, adequado nesse momento? Relatar sua participação na formação do PPGG? Ressaltar sua ação como pesquisadora e professora? Reunir lembranças dos ex-alunos? Tomei a liberdade de insistir sobre considerações de cunho absolutamente pessoal.

Foi peça-chave na implantação do PPGG. Constituiu a rigorosa argumentação no processo administrativo para sua criação. Sobre esse aspecto, escrevemos na apresentação do livro (página 13):

Até hoje os que se recordam da implantação do Programa de Pós-Graduação lembram-se de Maria do Carmo dirigindo-se à reitoria para desatar os nós burocráticos que teimavam em aparecer em instâncias inferiores e dificultar a criação do Programa. Essa capacidade de administração foi testada com regularidade durante os 10 anos que estive à frente da coordenação do PPGG. Reiteramos aquilo que afirmamos na mesma oportunidade: “sua atuação foi decisiva para a consolidação do Programa”.

ⁱ Professora Titular, Depto. de Geografia. gpiresdoriorio@gmail.com.
<https://orcid.org/0000-0002-8719-1967>.

A base do texto de apresentação institucional do PPGG permaneceu durante muitos anos com os toques iniciais de Maria do Carmo. De um modo geral, nas passagens mais elegantes podíamos reconhecer sua contribuição. Concebia com clareza, e como poucos, as funções precípuas da Universidade. Não tinha dúvidas sobre seu papel na formação e qualificação de recursos humanos, e compreendia ensino e pesquisa como atividades inseparáveis e condição necessária para a qualificação do corpo discente. Talvez precisássemos de um pouco de sua imaginação para antepor às continuadas ações para a desqualificação da Universidade, uma proposta de mais alto nível semelhante àquela inicial. Não se trata, bem entendido, de “voltar o vídeo ao início”; a própria Maria do Carmo não o aceitaria. Trata-se simplesmente de insistir em evidenciar a indeclinável coerência de um programa de pós-graduação. Com mesma atenção com a qual se dedicou a analisar as transformações no espaço agrário fluminense, sempre refletia sobre as mudanças na Universidade, donde sua ênfase na necessidade de realizá-las sobre uma base sólida.

Costumava evocar “João sem braço” para não se aborrecer em diferentes situações, seja quando não haviam critérios lógicos para determinadas decisões, seja para sinalizar que reconhecia um argumento ou desculpa sem fundamento por parte de quem quer que fosse. Em uma troca de correspondências com o professor Hilgard Sternberg, que por acaso me chegou às mãos, explicava, em tom familiar, a demora para sua resposta pelos nós burocráticos que dificultavam os trâmites de diferentes processos, entre os quais aquele que conferiria emergência ao Professor.

Não restam dúvidas de que considerava o trabalho de campo parte inerente à pesquisa geográfica. Sempre que possível, atuou para permitir que alunos da pós pudessem realizá-lo. Em um tempo no qual as rubricas e os recursos não reconheciam tal prática como essencial aos trabalhos acadêmicos, conseguia extrair autorização para que as pesquisas associadas às dissertações não fossem prejudicadas pelas mesquinhas burocráticas. Sempre soube enfrentar a burocracia, mas não nutria qualquer afeição por seus dialetos, prosopopeias, barreiras ou armadilhas.

Conhecia de modo excepcional o estado do Rio de Janeiro. Os ex-alunos que participaram dos projetos de pesquisa sob sua coordenação e orientação hão de se lembrar a propriedade com a qual nos treinava na observação, no levantamento de informações por meio de questionários e nas entrevistas abertas. Tive a oportunidade, já como professora da UFRJ, de contar com Maria do Carmo em um trabalho de campo no vale do Rio Doce. Este campo foi crucial para minha pesquisa sobre estratégias de grandes empresas, quando ministrei por dois períodos a disciplina Estágio de Campo nessa mesma região, ou ainda hoje quando reflito sobre minha própria pesquisa. Mesmo sem ter consultado todos aqueles que foram seus orientados, tenho a convicção de que seu domínio da empiria na elaboração de uma problemática de pesquisa permanece referência para todos.

Outra característica que chamava a atenção era seu rigor acadêmico, presente em seus textos, aulas e avaliações. Explicava com rara didática e clareza a estruturação regional do espaço brasileiro. Nas aulas, exercícios com análise de mapas eram a regra. Ressaltava a posição do Brasil no continente e no mundo para, em seguida, indicar as diferenças entre o Brasil tradicional e o Brasil subtropical e explicar aquilo que conferiria individualidade a cada uma das regiões brasileiras. Sua explicação sobre a região sul e o papel do migrante como força de transformação, modernização e contribuição na

formação social brasileira era capítulo à parte. Sublinhava na individualidade do Sudeste a “vida de relações” resultado dos três ciclos econômicos que alimentaram o processo urbano-industrial. Sobre o Nordeste, os contrastes internos e condições ecológicas marcavam sua análise. Não esqueço da impecável explicação sobre sistema de telhas na região do Cariri cearense. No PPGG, contribuiu para implantar e consolidar uma linha de investigação em geografia regional em associação com o planejamento regional.

Não esquecia os alunos. Estava sempre atenta para o que diziam anos depois de terem frequentado as salas de aula da UFRJ. Lembro-me em particular da ocasião em que acompanhávamos uma mesa no fórum sobre desenvolvimento, organizado por Reis Veloso, no BNDES. Quando Wanderley Guilherme dos Santos terminou sua palestra cochichei um “muito bom”. Ela tinha aquele brilho nos olhos que invariavelmente surgia nessas ocasiões e me respondeu “foi nosso aluno, menino excelente!”. Em alguns casos, “o nosso aluno” era usado para enfatizar a passagem pela Instituição, não necessariamente o fato de ter sido por ela orientado. Pude presenciar essa mesma reação em outros momentos, menos solenes, ou tão solenes quanto. Simplesmente mantinha o entusiasmo em constatar os efeitos da qualificação dos recursos humanos para a qual contribuía há algumas gerações.

Não tive a oportunidade de recorrer, como assinalei anteriormente, a colegas e ex-alunos que participaram de seu grupo de pesquisa para recolher material para este texto, mas finalizo-o mencionando os nomes de alguns dos meninos com os quais ainda tenho contato mais ou menos frequente: Augusto Cesar Pinheiro da Silva, Erika Tambke, Lucia Naegli, Marcelle Gomes Figueira, Maria Alice Alkimin, Miriam Durand, e Ricardo Dantas Lima. Manoel Augusto de Andrade Magina (*in memoria*).

Rio de Janeiro, 10 de outubro de 2022.



Prof^á Maria do Carmo Galvão (ao fundo) em atividade de campo no estado de Minas Gerais em 1971.

Foto: Acervo Geógrafa Célia Diogo.



Profas. Maria do Carmo Galvão, Maria de Lima Daou (primeira à esquerda) e Sandra Baptista da Cunha (ao lado da profª Maria do Carmo) em atividade de campo no Município de Silva Jardim (RJ) em 1994.
Foto: Acervo Profª Sandra Baptista da Cunha.



Profª Maria do Carmo Galvão e Profª Sandra Baptista da Cunha em atividade de campo no Município de Silva Jardim (RJ) em 1994.
Foto: Acervo Profª Sandra Baptista da Cunha.



Profª Maria do Carmo Galvão.
Foto: Acervo Profª Gisela Pires do Rio, 2009.

Profª Bertha Koiffmann Becker (1930/2013)



Profª Bertha Becker em sala de aula.
Foto: Acervo Prof. Jorge Xavier-da-Silva (04/04/2000).

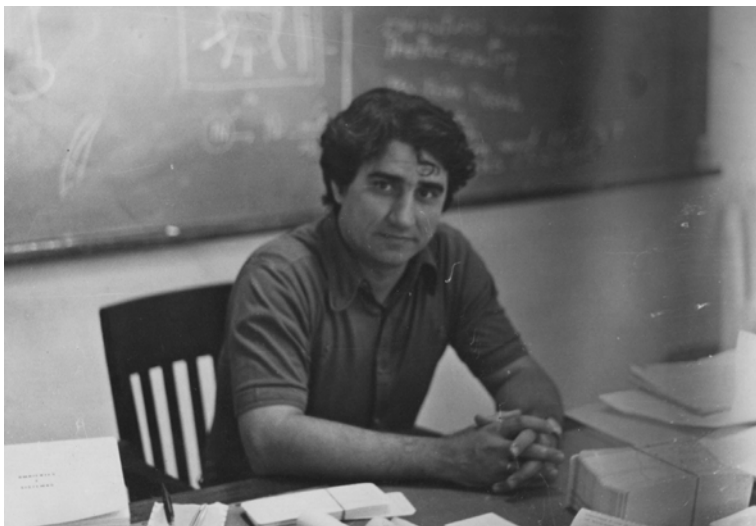


Profª Bertha Becker em atividade de campo realizado na Fronteira Brasil (Brasília)–Bolívia (Cobija) em setembro e outubro de 2011.
Foto: Acervo Geógrafo Felipe da Silva Machado.

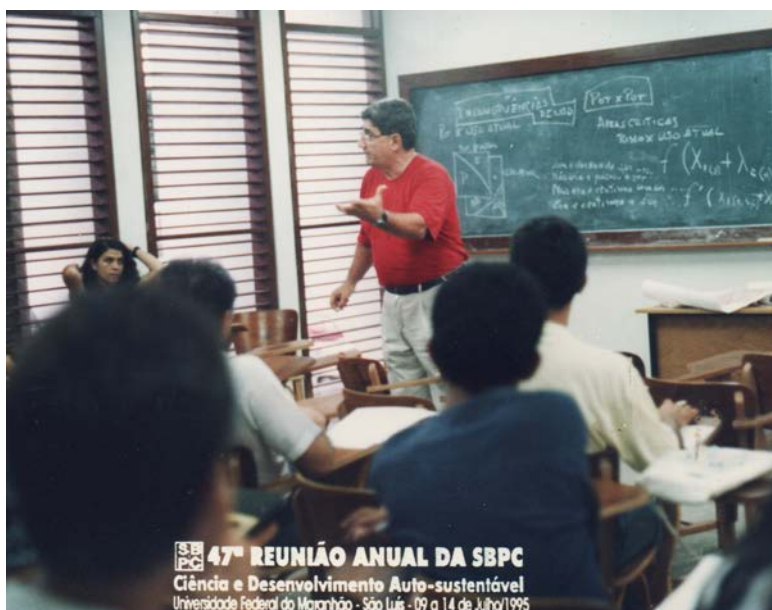


Profª Bertha Becker em entrevista com a pesquisadora Elza, IPAM/MAP – Rio Branco, Acre. Atividade de campo realizado em setembro e outubro de 2011.
Foto: Acervo Geógrafo Felipe da Silva Machado.

Prof. Jorge Xavier-da-Silva (1935/2021)



Prof. Jorge Xavier-da-Silva.
Foto: Acervo pessoal (s/d).



Prof. Jorge Xavier-da-Silva (julho/1995).
Foto: Acervo pessoal.



Prof. Jorge Xavier -da-Silva e Prof. Mauro Sérgio Argento (sentado, no centro da bancada) em participação de mesa-redonda.

Foto: Acervo pessoal (s/d).

Prof^ª Maria Therezinha de Segadas Soares (1925/1993)



Prof^ª Therezinha Segadas na reunião de professores integrantes da “Comissão de Desenvolvimento Regional/UGI” realizado no Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza/CCMN-UFRJ, em 1987.

Foto: Acervo PPGG/UFRJ.



Prof^ª Therezinha Segadas (2^a da esquerda para direita) na reunião de professores integrantes da “Comissão de Desenvolvimento Regional/UGI”, realizado no Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza/CCMN-UFRJ em 1987. Na mesa estão o prof. Pedro Pinchas Geiger, Prof^ª Therezinha Segadas e Prof^ª Lysia Bernardes.
Foto: Acervo PPGG/UFRJ.

Prof^ª Lysia Maria Cavalcanti Bernardes (1924/1991)



Prof^ª Lysia Bernardes em reunião de trabalho com o Prof. Orlando Valverde (sentado ao seu lado) e outros pesquisadores do IBGE.
Foto: CDDI/IBGE, Projeto Memória (s/d).



Profª Lysia Bernardes na reunião de professores integrantes da “Comissão de Desenvolvimento Regional/UGI” realizado no Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza/CCMN-UFRJ em 1987.

Foto: Acervo PPGG/UFRJ.

Profª Maria Regina Mousinho de Meis (1937/1985).



Foto: Acervo de família (s/d).

Prof. Speridião Faissol (1923/1997)



Prof. Speridião Faissol ao centro, e à esquerda o Prof. Edgar Kuhlmann em atividade de campo no Mato Grosso no ano de 1952.

Foto: Acervo fotográfico do IBGE.